

OBSERVAÇÕES

Antonio Carlos Villaça

Encontro em Sérgio Buarque de Holanda algumas observações muito finas a respeito do catolicismo em nossa era colonial. Estão em seu livro Raízes do Brasil. Diz Sérgio que há em nós uma aversão ao ritualismo. Ou uma cordialidade, uma intimidade ritual que vem do espírito português. Há uma transposição para o terreno religioso do horror às distâncias, que será por certo o traço mais típico do brasileiro — homem cordial. O rigorismo do rito — observa Sérgio Buarque de Holanda com agudeza — aqui se afrouxa e se humaniza...

Tratamos os Santos com uma intimidade, uma sem-cerimônia, um à-vontade quase incrível. Essa aversão à distância, à hierarquização, ao ritualismo conjuga-se mal com o espírito religioso autêntico, profundo, consciente, exato. O nosso culto — desde a fase colonial — é sem obrigações, sem rigor, intimista e familiar, uma religião (mais uma religiosidade que uma religião) que dispensa o esforço, a diligência, a disciplina sobre si mesmo.

Cito um fragmento da página 217, do ensaio Raízes do Brasil 2.^a ed.: "A uma religiosidade de superfície, menos atenta ao sentido íntimo das cerimônias que ao colorido e à pompa exterior, quase carnal em seu apêgo ao concreto e em sua rancorosa incompreensão de toda verdadeira espiritualidade, transigente, ninguém pediria que se elevasse a produzir qualquer moral social poderosa". A observação é importante. E logo depois: "Religiosidade que se perdia e confundia num mundo sem forma e, por isso mesmo, não tinha força para lhe impor uma ordem".

* * *

Apêlo aos sentidos e aos sentimentos. Quase nenhum apêlo à razão e à vontade. Não admira, pois, comenta o historiador-sociólogo, que a República tenha sido obra dos positivistas e a Independência, obra dos maçons. Dom Pedro II condecoraria Renan. E mandaria prender dois Bispos. E a questão do Padroado se transformaria na questão mais difícil, mais complexa da História do Brasil...

Cerimônias "gloriosas, pomposas, esplendorosas", mas sem que o povo se compenetrasse do espírito das solenidades. Festas impregnadas de mundanismo. Quase nenhuma participação litúrgica. Ausência de catequese entre os negros. E, sobretudo, o peso terrível de uma vinculação entre a Igreja e a casa-grande. A religião católica era a religião dos senhores.

Sérgio conclui que a exaltação dos valores cordiais, das formas concretas, sensíveis, exteriores, "encontraram entre nós terreno de eleição e se acomodaram bem a aspectos típicos de nosso comportamento social". Falta ao brasileiro coesão para envolver a sua personalidade, dominá-la, integrá-la no conjunto social. Somos fluidos. Somos leves, somos disponíveis. Há, em nós, flexibilidade psicológica, maleabilidade. Facilmente, abandonamo-nos "a todo o repertório de idéias, gestos, formas", que se cruzam com o nosso caminho. É espantosa a capacidade de assimilação do homem brasileiro. A sua plasticidade. É a sua força e a sua fraqueza. E Sérgio insinua, com intuição muito certa, que o liberalismo dos eclesiásticos, no limiar da Independência e ao longo do Império, é uma reação do nosso temperamento em face do Padroado. Uma compensação, uma defesa.

Jornal do Brasil
9.09.1960

SBH
Pt 105 - ex 14

60/09/09
Jornal do Brasil